

A INDECISÃO DOS PAIS FACE À PERCEPÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA PELA CRIANÇA

**Henrique Cunha Jr.
Do Centro de Cultura
Afro-Brasileira Congada e da
Universidade São Paulo/
São Carlos — SP**

A

ruptura das linhas de análise da sociedade brasileira e proposições de abordagem das relações raciais ocorridas no Movimento Negro entre os anos 69 e 70, levou a uma postura de considerar as relações raciais como um conjunto de ações institucionalizadas e sistematizadas através do modelo de aparelho ideológico do Estado (Cunha Jr., 1980). Através desta percepção foi possível isolar, de certa maneira, um conjunto ideológico das relações raciais que perpassa todas as instituições brasileiras. Uma vez que as discriminações raciais passavam por um corpo ideológico, cumpria tentar entender a sua finalidade, formas de manifestação e conseqüências profundas. Neste sentido, no período de 1978-1981, organizou-se, em São Carlos,

um grupo de estudos na tentativa de melhor compreender a educação brasileira como um sistema ambíguo de exclusão dos afro-brasileiros da competição capitalista por postos de trabalhos qualificados e de melhor remuneração ou de moldagem da mentalidade dos resistentes às situações de conformismo racial. Este grupo de estudos era composto por membros do Centro Congada de São Carlos e do Grupo Gana de Araraquara, e que se tornaram alunos regulares ou especiais dos cursos de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

Para o Movimento Negro, as duas preocupações básicas sobre educação referiam-se, até este período, aos currículos escolares, mais precisamente sobre os cursos de História, Geografia, Estudos Sociais e Língua Portuguesa, onde predomina um etnocentrismo branco-europeu (Documentos, 1975 e 1981); e sobre o reduzido número de não-brancos que concluem os diversos níveis de ensino.

Como os movimentos negros haviam elaborado um modelo explicativo da especificidade das lutas de classe no Brasil, onde a origem de classe associa-se à origem racial no processo de exploração de classes, a nossa reduzida participação no sistema educacional não se explicaria, apenas, através da pobreza. Para avançar neste sentido é que se procurou estudar os casos de evasão escolar, onde o componente econômico não era o determinante.

Embora tenha sido rica a experiência deste grupo de estudos e, dada sua contribuição significativa ao Movimento Negro na sua análise sobre educação, foram poucos os trabalhos escritos e preservados. Os conhecimentos acumulados sobre o assunto foram, porém, transmitidos oralmente, em palestras, debates, reuniões e seminários organizados pelo próprio Movimento Negro, a exemplo dos seminários sobre Negro e Educação em Porto Alegre, ou dos debates dos FECONEZUs, ou de reuniões de organizações não ligadas ao Movimento, como os Congressos Brasileiros de Educação — CBE¹.

Em consonância com tais preocupações a nível do conhecimento, e como militante do *Centro Congada* (preocupado em utilizar este conhecimento para intervir na realidade), realizamos a investigação objeto deste meu relato. Ela consistiu, essencialmente, na visita a famílias negras residindo em alguns bairros da cidade de São Carlos (SP) quando foram questionadas sobre sua percepção, ou não, da ocorrência de discriminação racial na escola e das vias de solução adotadas na orientação das crianças.

¹ I Encontro Nacional sobre a Realidade do Negro na Educação (novembro de 1984), Sociedade Recreativa Cultural Floresta Aurora, Porto Alegre (RS).

II Encontro Nacional sobre a Realidade do Negro na Educação (novembro de 1985), Sociedade Recreativa Cultural Floresta Aurora, Porto Alegre (RS).

FECONEZU (Festival Comunitário Negro Zumbi), reunião anual promovida pelos grupos do Movimento Negro Paulista, desde 1978, no mês de novembro. Cidades onde foram realizados: Araraquara, Ribeirão Preto, São Carlos, Campinas, Piracicaba, São José dos Campos, Rio Claro, Limeira e Jundiá.

Um Quadro Geral dos Atores em Presença

São Carlos é uma aglomeração urbana de 142.000 habitantes, do interior paulista, distando 230 km da Capital. Possui um grau apreciável de industrialização, oferecendo aproximadamente 15 mil postos de trabalho industrial, tendo um setor terciário bastante desenvolvido (IBGE, 1982; 1984). A cidade possui dois campus universitários e algumas escolas superiores isoladas, reunindo uma população superior a 10 mil pessoas ligadas à vida da universidade. O município possui um setor agrícola bastante desenvolvido, predominando, na atualidade, as culturas de cana e laranja, tendo sido, no passado, região de plantio de café.

Acreditamos que a população negra representa de 30% a 35% da população total residente no município. Dentre a população negra urbana de São Carlos, distinguimos três grupos diferenciados: velhos urbanos, urbanos da região, novos urbanos.

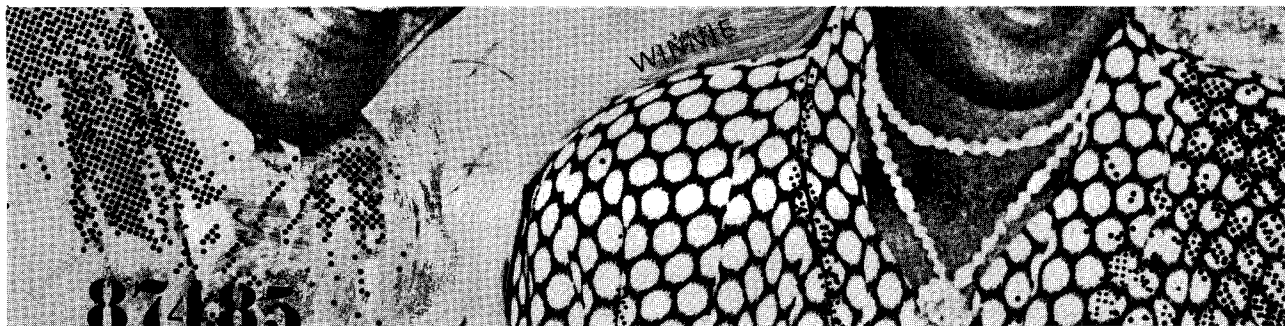
Os *velhos urbanos* são populações que estão em São Carlos por mais de duas gerações. Têm como característica principal uma certa estabilidade de renda (emprego fixo), casa própria ou moradia antiga com baixo aluguel. Parte dessa população teve sua

do Movimento Negro de São Carlos a partir de 1971. Embora a cidade contasse no passado com outras associações negras, a existência do "Novo Movimento Negro" levanta questões de difícil digestão pela população negra. Apesar do grupo ser amplamente conhecido, suas propostas têm pouca penetração no geral da população negra. A penetração consegue ser mais profunda e fácil entre os *velhos urbanos* que nos demais grupos.

Os Fatos

A denúncia das discriminações raciais na escola, por parte da criança, somente ocorre nos casos de discriminação aberta. Desta forma não trataremos, aqui, de um conjunto de práticas discriminatórias sistêmicas que ocorrem no sistema educacional brasileiro, através do livro didático, da representação na História e Geografia, da prática ideológica dos(as) professores(as), diretores(as) e funcionários(as)².

Os fatos denunciados pelas crianças podem ser agrupados em quatro níveis: no relacionamento com os colegas; no relacionamento com professores e funcionários; quando da exposição de fatos quaisquer; e na proibição de participação em posição de destaque.



base de constituição no surto cafeeiro, trabalhando em empregos ligados à atividade ferroviária, de armazenagem de produtos e no serviço público. Um grande número deles concluiu a escola primária, sendo que são quase que exclusivamente *velhos urbanos os negros que freqüentavam escola média e superior*.

O segundo grupo, *urbanos da região*, são populações vindas da agricultura ao longo dos últimos 20 anos. Parte desta população ainda desenvolve atividades ligadas à agricultura, parte tem emprego braçal nas grandes indústrias (fábricas de geladeiras e de trator).

O terceiro grupo, *novos urbanos*, apesar de executarem praticamente as mesmas atividades que o segundo, apresentam, porém, maiores dificuldades de adaptação ao meio urbano em decorrência do reduzido número de relações de parentesco e de conhecimento, o que lhes acarreta, um menor apoio e um menor grau de informações sobre a cidade.

O *Centro Congada*, embora tenha se constituído oficialmente em 1976, é resultado de ampla atividade

Nos momentos de conflitos entre crianças, a criança negra recebe agressão verbal relacionada com a raça. Nesta situação, muitas vezes, professores e funcionários tomam conhecimento dos fatos e não sabem de que forma tratá-los a nível do significado da discriminação racial. Este somente reforça um universo ideológico pejorativo que a criança, consciente ou inconscientemente conhece.

No relacionamento com os professores e funcionários, a agressão racial geralmente ocorre nos momentos de tensão, quando estes funcionários e professores transmitem toda a informação racista que, em situações normais, mantém escondida. Estas informações racistas podem, também, ocorrer em situações não tensionais, e são percebidas pelo meio como normais.

A situação menos denunciada, e que muitas crianças encaram como normal, sendo poucas as que percebem-na como racista, são os comentários

² Estas questões o *Centro Congada* discutiu em outros momentos. Conforme Cunha Jr. et al. (1980) e Salvador et al. (1984).

sobre fatos que envolvem pessoas negras. A narração ou análise de fatos, sob uma ótica distorcida de uma percepção racista, quando realizada por professores, além de atingir a criança, colocam-na numa posição de "ridícula", perante as outras crianças. A denúncia típica da criança atingida é a seguinte: "A professora não gosta de preto, porque ela falou isso e aquilo".

Ocorre, também, a situação em que a criança é impedida de ocupar posição de destaque por ser negra. É muito freqüente em festas escolares onde, por exemplo, a noiva da dança de quadrilha não pode ser uma menina negra; ou nos esquetes de teatro, quando os anjos também não podem ser negros.

Em menor proporção foram relatadas situações em que, na ótica da professora, determinadas posições só podem ser ocupadas por negros, e a criança se nega a participar.

A denúncia feita pela criança para os pais, gera situações de indecisão. As reações dos pais são do seguinte tipo: ouvir sem reação; não acreditar na criança por pensar que tais coisas não existem na escola; ter dúvida se os fatos ocorreram de verdade ou, se constituem apenas uma forma da criança resolver outros problemas, como o de não querer ir à escola ou procurar atingir um professor de quem não gosta; acreditar que o fato não tem importância; instruir a criança quanto às respostas a dar nessas situações, mas ficando inseguro do quanto a criança pode sair machucada nestas situações; reclamar na escola, duvidando, porém dos resultados obtidos.

Em todas as situações nos parece haver uma indecisão dos pais, devido, em parte, ao fato deles não acreditarem, na existência do racismo brasileiro, ou por procurarem sistematicamente negá-lo, pois admiti-lo, é admitir a condição de ser inferior. Outro motivo da indecisão relaciona-se aos resultados do protesto motivado pela injustiça sofrida. Primeiro porque a experiência mostra que tal protesto não é levado em conta por ninguém. Segundo, porque ficam por vezes com medo da criança ficar marcada e ser perseguida.

É no grupo dos velhos urbanos que vamos encontrar um maior número de denúncias de discriminação racial sofridas na escola. As atitudes dos pais, nesse grupo, apresentam menor indecisão, indo da instrução à criança de como agir, até a reclamação direta.

As conseqüências do ato sofrido pela criança variam da assimilação de "complexos raciais", à evasão escolar. Quando certos casos são mais agudos, e a criança se nega a retornar à escola, nos grupos melhor informados — geralmente parcela dos velhos urbanos — providencia-se a mudança de sala ou de escola. Nas outras situações, a criança é obrigada a retornar sob coação dos pais ou, então, ela perde parcialmente o ano escolar. Outros casos levam a criança a ter atitudes de rebeldia, de bloqueio ou de apatia. Nestas situações fica difícil saber o que ocorre posteriormente.

Entretanto, a postura dos pais exerce um papel

fundamental na atitude das crianças e, mesmo, na sua experiência futura. As crianças, quando apoiadas em casa, parecem ter maior facilidade para reagir frente aos efeitos da agressão e os fatos são mais facilmente superados.

No caso de indiferença, falta de apoio, ou desconfiança dos pais, ruíram-se as principais bases de confiança e apoio da criança. Estas bases, para a criança em idade escolar estão, normalmente, na professora e nos pais: neste caso ambos participaram da agressão, quer produzindo o fato, quer se omitindo ou demonstrando não saber como agir.

Conclusão

A educação formal e informal está regida pelas leis das relações raciais brasileiras, como já havíamos comentado em trabalho anterior (Luiz et al., 1979).

Neste trabalho, apresentamos alguns pontos de uma face das relações raciais na escola e na casa do aluno, através das atitudes dos pais.

As conclusões possíveis são que, tanto a nível de educadores e funcionários de escolas, como dos pais dos alunos é preciso haver um trabalho sistemático de informações e de preparo para uma solução, ou pelo menos de enfrentamento das manifestações de discriminação racial.

Por outro, no acompanhamento de casos denunciados, podemos encontrar a explicitação de uma das razões que levam a casos de evasão escolar, repetência, dificuldades de aprendizado, ou de adaptação à escola de parcela das crianças negras.

Habitualmente, as nossas dificuldades educacionais, como grupo étnico, são imputadas apenas a condições sócio-econômicas. As informações colhidas dentro do grupo de velhos urbanos nos permite, mais uma vez, sugerir que o desempenho escolar tem forte interação com a qualidade das relações raciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, H. Uma abordagem dos movimentos negros no Brasil na década de 70. In: CONGRESSO DAS CULTURAS NEGRAS DAS AMÉRICAS, 2, Panamá, 1980.
- CUNHA, JR., H. et al. Nós (negros) marginais da educação brasileira. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 1, São Paulo, 1980.
- DOCUMENTOS DA REUNIÃO DE SÃO CARLOS, 1975. (mimeo)
- DOCUMENTOS E NOTAS DO 1º ENCONTRO EM DEFESA DA RAÇA NEGRA. 23 e 24 de maio de 1981, São Paulo. (mimeo)
- IBGE. *Censo demográfico*: dados distritais; 9º Recenseamento Geral do Brasil — 1980. Rio de Janeiro, 1982. v. 1, t. 3, n° 17.
- _____. *Censo industrial*: dados gerais; 9º Recenseamento Geral do Brasil — 1980. Rio de Janeiro, 1984. v. 3, t. 2, pt. 1, n° 19.
- LUIZ, M. do C. et al. A criança (negra) e a educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (31):69-72, dez. 1979.
- SALVADOR, N. et al. Livro didático: veículo de transmissão do preconceito racial. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, 3, Niterói, 1984.